

INDO ALÉM DA DEFICIÊNCIA MENTAL: O SUJEITO E AS IMAGENS DE SI

*Maximiano Martins de Meireles**

RESUMO — *Esta investigação se constitui uma análise acerca das significações construídas por estudantes com deficiência mental, sobre si e suas vivências na escola. A intenção foi dar visibilidade aos sujeitos, enquanto sujeitos da palavra; identificar as imagens que eles constroem de si e compreender aspectos que interferem em seus processos de escolarização. O fio condutor das reflexões foi a abordagem epistemológica que entende o ser humano como uma construção sócio-histórico-cultural. A pesquisa fundamentou-se nos pressupostos da investigação qualitativa, tomando as narrativas de vida como opção metodológica e a entrevista narrativa como instrumento de coleta de dados. As entrevistas narrativas foram realizadas com dois jovens com deficiência mental, que estudam em escolas regulares do município de Tucano-BA. As imagens construídas por eles desvelam sujeitos que buscam superar suas limitações; que indagam e recusam as representações e discursos preconceituosos; sujeitos que buscam se constituir, sobretudo, na contramão das imposições sociais, no avesso da deficiência mental.*

PALAVRAS-CHAVE: *Estudante com deficiência mental. Narrativas. Imagens de si.*

INTRODUÇÃO: APROXIMAÇÕES INICIAIS

Este trabalho de investigação¹, que agora se traduz em um artigo, versa sobre as intenções, os caminhos epistemológicos

* Mestrando em Educação (UEFS). Psicopedagogo. Discente do Curso de Especialização em Educação Especial (UEFS), Graduado em Letras (UNEB), Prof. da Rede Municipal de Ensino de Tucano-BA. E-mail: maxymuus@hotmail.com.

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Educação (DEDU). Tel./Fax (75) 3161-8084 - Av. Transnordestina, S/N, Módulo IV - Novo Horizonte - Feira de Santana/BA – CEP 44036-900. E-mail: educacao.uefs@gmail.com.

e metodológicos trilhados com a pesquisa, sobre algumas reflexões teóricas que nasceram do contato com diversos escritos, do diálogo que houve com vários autores; e, também, é escrito, com muito afeto, sobre as narrativas construídas por dois estudantes, com deficiência mental², acerca de si.

As leituras realizadas em torno da questão, possibilitaram construir uma reflexão mais profunda acerca do processo de exclusão social e educacional vivenciado pelo sujeito com deficiência mental. Possibilitaram, também, construir uma indignação frente ao silenciamento desse sujeito, numa sociedade que raramente lhe autorizou o direito de enunciar, de falar de si, de evidenciar suas significações. Nesse sentido, o sujeito com deficiência mental foi situado, historicamente, num lugar de não-enunciação, em uma posição discursiva sem legitimidade e sem-sentido, tendo sua subjetividade silenciada. Assim, foi sempre interpretado pelo olhar e a voz do(s) outro(s), pelos discursos preconceituosos e (i)legítimos que a sociedade produziu sobre ele. Não se pode negar que muitas leituras equivocadas foram construídas em torno da (pessoa com) deficiência mental. Esses olhares fizeram emergir uma subjetividade amarrada em discursos legitimados cientificamente que impuseram ao sujeito com deficiência mental a condição de anormal, retardado e intelectualmente incapaz. Dessa maneira, o mesmo foi aprisionado em redes de significações, infundadas em interesses sociais, políticos e ideológicos que pouco têm a ver com a própria deficiência.

A literatura educacional, que tem como foco a educação especial, mostra que há um crescimento de pesquisas, nas últimas décadas, sobre a pessoa com deficiência no contexto social e escolar. Muitos estudos partem da percepção de professores, pais, profissionais especializados que falam a respeito do sujeito com deficiência. No entanto, ainda são poucos os estudos que destacam a autopercepção ou visão de mundo desses sujeitos, sobretudo, no que diz respeito à deficiência mental. Isso é fruto dos preconceitos e estigmas construídos socialmente que colocam a pessoa com deficiência mental como incapaz de narrar, refletir, analisar, opinar e significar sua experiência.

Ao fazer um levantamento do estado da arte, foi percebido que no caso das pessoas com deficiência mental são frequentes os trabalhos relativos a olhares e dizeres que a família, a escola,

as instituições, profissionais especializados e a sociedade têm a respeito delas, mas ainda é tímida a produção de trabalhos em que o pesquisador se coloca à disposição para ouvir e dar voz aos próprios sujeitos. Na concepção de Nunes e Glat (2001, p.3), entrevistar pessoas com deficiência mental “representa uma mudança radical do objeto de estudo e da própria relação do pesquisador com o sujeito, já que se deixa de analisar a doença ou o desvio para compartilhar sua vida”.

Partindo desses pressupostos, foi decidido trabalhar com a perspectiva das narrativas de vida³, tendo como recorte a percepção e as imagens que o estudante com deficiência mental constrói sobre si. O problema, a intenção de estudo, a pergunta que moveu essa investigação foi a seguinte: Que significações o estudante com deficiência mental constrói sobre si e suas vivências na escola? Desse modo, esta pesquisa teve como objetivo identificar, nas narrativas de estudantes com deficiência mental, as significações construídas pelo estudante com deficiência mental sobre si e suas experiências na escola.

Nessa perspectiva, foram trabalhadas as narrativas de dois estudantes jovens: Carlos e Ramon⁴, diagnosticados com deficiência mental, incluídos na rede regular de ensino do município de Tucano, na Bahia. A opção metodológica foi de natureza qualitativa, com o uso das narrativas de vida que constituem uma redescoberta extremamente rica e multifuncional, na busca de respostas a quem entende o indivíduo como produto de uma construção social. A pesquisa foi realizada durante o período de agosto de 2010 a janeiro de 2011.

A SUBJETIVIDADE DO SUJEITO COM DEFICIÊNCIA MENTAL

Com o intuito de discutir a construção da subjetividade da pessoa com deficiência mental, este trabalho está inserido no debate que entende a constituição do sujeito como um processo socio-histórico-cultural, fundado na língua(gem) e nas interações que o homem estabelece com o meio. A discussão será travada tendo como foco as ideias de Vigotsky (2007), Kassar (2000), Bakhtin (1995), Orlandi (2006), Camargo (2000), Smolka (2000),

Sitientibus, Feira de Santana, n. 45, p.43-63, jul./dez. 2011

Silva (2000). Nessa perspectiva, serão abordados alguns aspectos, relativos à constituição da subjetividade, que dizem respeito à construção dos sentidos e significados que os sujeitos vão construindo sobre si e o mundo, por meio da língua(gem), nas sucessivas interlocuções e nas trocas sociais.

Compreender a subjetividade envolve certa complexidade, uma vez que se trata de um processo dialético que entrelaça o individual com o social. Nesse contexto, há, ainda, um sujeito e uma sociedade que estão em constante movimento, e, portanto, não estão prontos e completos; pelo contrário, assumem um caráter de “inacabamento”. Esta concepção confere à subjetividade um caráter de processualidade (VIGOTSKY, apud, ROSSETO, s.d) visto que “o sujeito, incompleto, só existe nas relações com as pessoas, as quais definem os limites. Como as relações são sucessivas e infinitas, não se tem nunca um sujeito absoluto” (CAMARGO, 2000, p. 27).

Nesse olhar, é possível falar em “uma indeterminação constituinte do sentido e do sujeito que se completa no processo de interlocução, no espaço discursivo e pela historicidade da linguagem” (GERALDI, apud CAMARGO, 2000, p. 27). A língua(gem) é aqui entendida, então, como processo constituinte da subjetividade, materializada nas práticas discursivas, permitindo ao homem se apropriar, reelaborar e ressignificar as ideias que transitam socialmente.

Para Orlandi (2006), no discurso, temos o social e o histórico indissociados. Dessa perspectiva, é preciso relacionar o discurso com suas condições de produção, sua exterioridade, uma vez que ele é fruto das relações sociais vividas pelos sujeitos, em suas historicidades. E é nessas relações, nas trocas discursivas, que o sujeito constrói suas mentalidades e subjetividade. Para Bakhtin (1995, p.37): “É preciso fazer uma análise profunda e aguda da palavra como signo social para compreender seu funcionamento como instrumento da consciência.”

Com bases nesses pressupostos, é possível dizer que a construção da subjetividade da pessoa, inclusive da pessoa com deficiência mental, está atrelada ao aspecto dialógico constitutivo da língua (gem). O sujeito com deficiência mental, ao tecer narrativas de si, bem como demonstrar suas signifi-

cações acerca das vivências na escola, carrega em “seu eu” as palavras do(s) outro(s), ou seja, traz em sua subjetividade individual marcas da subjetividade social (CAMARGO, 2000, p.25). Dessa maneira, sua narrativa é permeada pela polifonia, ou seja, pelas múltiplas e diferentes vozes do(s) outro(s) que se inscrevem nos seus dizeres.

As mentalidades de séculos anteriores se atualizam e servem à sociedade atual nos processos de subjetivação. Os laudos e discursos médicos, por exemplo, tornam as pessoas com deficiência mental reféns de uma subjetividade marcada pela “incapacidade cientificamente atestada, reféns de seu fracasso, reféns de uma doença que os torna incapazes” (MOYSÉS, apud AMARAL, 2009, p. 136).

Isso revela que as leituras sociais equivocadas em torno da (pessoa com) deficiência mental têm construído subjetividades individuais aprisionadas numa rede que pouco tem a ver com a própria deficiência, e que, porém, estão amarradas em discursos preconceituosos, abordagens biologizantes e psicologizantes, imputando ao sujeito com deficiência mental, a marca de anormalidade, de incapacidade de aprender. Essas subjetividades são marcadas por testes psicométricos; laudos inflexíveis; baixas expectativas pedagógicas que impõem e legitimam a culpa no próprio indivíduo (AMARAL, 2009).

Em Vygotsky (2007), a discussão também caminha nessa direção, pois segundo o autor, a constituição do sujeito não é determinada por fatores orgânicos, mas, sobretudo, por fatores históricos e sociais, pondo em xeque a ideia do sujeito abstrato, à parte da sua cultura, das relações sociais. Suas contribuições vanguardistas permitem entender que a subjetividade da pessoa com deficiência mental pode tomar contornos diversos, sendo que, isso vai depender da maneira como determinado grupo social encara a deficiência. Levando em conta os contextos de nossa cultura e as representações negativas em relação à pessoa com deficiência mental, é apropriado inferir que “o sujeito deficiente vai crescendo com uma auto-imagem de incapacidade, o que acaba por moldar sua própria subjetividade” (CAMARGO, 2000, p.41).

Nas palavras de Smolka (2000, p.31),

Como sujeitos, os indivíduos são afetados de diferentes modos, pelas muitas formas de produção nas quais eles participam, também de diferentes maneiras. Ou seja, são profundamente afetados por signos e sentidos produzidos nas (e na história) das relações com outros.

Silva (2000), ao discutir a construção da subjetividade, provoca o leitor a refletir sobre o lugar de não-enunciação da pessoa com deficiência mental, de sua posição discursiva como ilegítima, de sua subjetividade silenciada. Sendo assim, para a autora, o espaço do deficiente mental, nos contextos sócio-históricos, é sempre o de vítima, “é o de ser sempre interpretado, falado pelos outros, sem nunca ocupar uma posição de autoria, enfim, sem nunca ser sujeito, mas objeto dos discursos que a sociedade produz sobre ele” (SILVA, 2000, p. 13). A autora argumenta ainda, que é na falta e no silêncio, também na fala do outro sobre ele⁵, que a pessoa com deficiência mental encontra espaços possíveis de subjetivação, uma vez que seu discurso é visto como sem sentido. “O deficiente se constitui enquanto sujeito do não-sentido, (se) significando (n)a própria deficiência mental (...) porque se fazer sujeito é se significar na deficiência, ele se significa na falta (Ibid, p.12).

A constituição da subjetividade pressupõe um sujeito ativo, e principalmente interativo, que vai se construindo na e pelas relações sociais com o outro, com a cultura, a história e a sociedade. Embora haja imposição, há também um processo de resistência, no qual o sujeito resiste e/ou reelabora as palavras do(s) outro(s). Dessa maneira, “certos modos de apropriação, podem, no entanto, ocorrer, produzindo sentidos não esperados, não previstos, não predizíveis (SMOLKA, 2000, p.37).

Não se pode deixar de apontar aqui que a constituição da subjetividade, atrelada à produção discursiva, configura-se como um território marcado por muitos sentidos, por “conflitos e lutas sociais, no qual surgem e se transformam diferentes significações”. Nesses espaços de apropriação de discurso, valores e

conceitos, alguns são incorporados, outros modificados e até mesmo recusados (KASSAR, 2000, p. 45).

Por meio do discurso do sujeito, em forma de narrativas, é possível encontrar pistas que ajudam a entender como aspectos da história social interferem na constituição da subjetividade do sujeito com deficiência mental; compreendendo, assim, de que maneira as marcas sociais estão inscritas na significação que o sujeito vai construindo sobre sua condição e experiência, enquanto pessoa com deficiência. Conforme Kassar (2000, p. 48), a constituição da subjetividade está marcada por tensões “entre as possibilidades e impossibilidades que transitam nas diferentes vozes e cruzam-se em sua história pessoal”. Mais uma vez é importante ratificar que a constituição do sujeito com deficiência mental é um processo complexo visto que pressupõe a apropriação, incorporação, recusa ou modificação de discursos, concepções, valores que permeiam o contexto social no qual o sujeito está inserido.

O resgate à construção de novas subjetividades implica compreender a pessoa com deficiência mental, em sua singularidade, como sujeito social e individual, não mais formatado e engessado em subjetivações e identidades estereotipadas e fixadas em rótulos. Isso se impõe como uma premissa básica na construção de uma sociedade inclusiva que busca (re)significar as subjetividades silenciadas historicamente e deformada por discursos (i)legítimos. É preciso construir, nesses novos tempos e contextos, sentidos subjetivos que contrariem a visão ideológica em torno da deficiência mental, apontando possibilidades da constituição de um sujeito que tenha suas vontades, desejos, perspectivas e singularidades legitimadas.

A partir da discussão aqui travada, a qual não pretendeu esgotar o assunto, é pertinente concluir afirmando que as subjetividades se formam pelas vozes e pelos “olhos dos outros” (BAKHTIN, apud CAMARGO, 2000). Sendo assim, é preciso continuar construindo novos dizeres e novos olhares com e sobre o sujeito com deficiência mental. Olhares e dizeres inclusivos.

AS NARRATIVAS DE VIDA COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA: COMO? POR QUÊ E PARA QUÊ?

Estudar as significações construídas pelo estudante com deficiência mental sobre si implica, necessariamente, dar voz ao sujeito do estudo. Nesse sentido, a postura epistemológica se aproxima da “pesquisa qualitativa”, tendo em vista que a preocupação está situada na construção dos significados e na compreensão dos fenômenos sociais e culturais que permeiam as narrativas do estudante com deficiência mental, levando em consideração as motivações, crenças, valores e representações presentes na rede de relações sociais.

A abordagem de natureza qualitativa tem estreita relação com este estudo, pois possibilita, também, um trabalho que afirme a subjetividade dos sujeitos pesquisados, dando um enfoque aos entendimentos que eles constroem em relação ao seu meio; suas compreensões e interpretações das experiências (MACEDO, 2004). É dessa maneira que a investigação qualitativa centrará seu foco na descoberta do sujeito, em sua compreensão; vai buscar sua colaboração, preocupando-se com sua formação, com suas histórias (GHEDIN, 2008).

No sentido de estabelecer uma coerência com essa proposta de pesquisa de viés qualitativo, e tendo como referência o objeto de investigação e os objetivos da pesquisa, optamos pelo uso das narrativas de vida como estratégia metodológica. Essa metodologia vem ganhando espaço na pesquisas em Educação com a intenção de romper com explicações universalistas, e, assim, “valorizar a experiência subjetiva, singular, apoiando-se em pontos de vista individuais e incorporando elementos e perspectivas às vezes ausentes em outras práticas: subjetividade, emoções e cotidiano” (CARNEIRO, 2007, p. 49).

Essa opção metodológica constitui-se, assim, uma possibilidade da criação de espaços que possibilitem um lugar de enunciação e de legitimação da voz da pessoa com deficiência mental, valorizando suas experiências. Além do que, permite compreender os limites e as possibilidades no processo de escolarização desse sujeito, a partir de sua voz e subjetividade. Pois, parafraseando Bertaux (2010), é possível dizer que o

estudo das trajetórias de formação escolar dos estudantes com deficiência mental permite compreender melhor o que se passa no interior desse mesmo processo.

Nessa mesma perspectiva

A utilização das narrativas de vida se mostra aqui particularmente eficaz, pois essa forma de coleta de dados empíricos se ajusta à formação das trajetórias; ela permite identificar por meio de que mecanismos e processos os sujeitos chegaram a uma dada situação, como se esforçaram para administrar essa situação e até mesmo superá-la (BERTAUX, 2010, p. 27).

É pertinente evidenciar, também, que nessa metodologia

O pesquisador não se preocupa em confirmar a “veracidade” dos fatos, pois para ele o importante é o ponto de vista do sujeito. A beleza, por assim dizer, deste enfoque é que “tira o pesquisador de seu pedestal de dono do saber” (GLAT, 1989, p. 30), já que seu objetivo é apreender os significados que cada sujeito ou grupo atribui aos eventos de sua vida (GLAT, 2004, p.142).

O uso das narrativas de vida se constitui uma ferramenta importante de valorização e legitimação da voz da pessoa com deficiência mental, pois possibilita assumir uma posição de sujeito do discurso, a qual lhe foi negada historicamente, através da tomada da palavra como estatuto de sua singularidade e subjetividade. Ademais, conforme salienta Macedo (2004, p.177),

Ao fazer com que as pessoas confiem nas lembranças e interpretações, em sua capacidade de colaborar para escrever a história, possibilita a aquisição de um sentimento de estima e valor social. Um sentimento de identidade, de pertencer a um determinado lugar e a uma determinada época (...) pela própria história, lança-se vida para dentro da história.

Sitientibus, Feira de Santana, n. 45, p.43-63, jul./dez. 2011

Tomando como base esses pressupostos, a presente pesquisa tomou como técnica de coleta de informações o uso das entrevistas. É importante ressaltar que a narrativa de vida “resulta de uma forma particular de ‘entrevista narrativa’, durante a qual um pesquisador (...) pede a uma pessoa, então denominada sujeito, que lhe conte toda ou parte de uma experiência vivida”⁶ (BERTAUX, 2010, p.15). A entrevista pode ser iniciada com uma “pergunta chave” diretamente ligada ao objeto de investigação. Além dessa pergunta chave, outras questões devem ser incorporadas a um pequeno roteiro com a intenção de orientar o pesquisador, pois, conforme salienta Macedo (2004), é preciso que haja um esforço em manter uma coerência entre a história narrada e aquilo que uma investigação objetiva descobrir. É pertinente salientar que, no decorrer da conversa, o entrevistador fica livre para fazer perguntas no sentido de clarificar ou aprofundar pontos mais diretamente ligados ao objeto de estudo (GLAT, 2009).

Tendo em vista esses pressupostos, consideramos, portanto, a história de vida um método bastante profícuo para a pesquisa aqui proposta, visto que favorece o diálogo entre o pesquisador e o (s) sujeito (s) da pesquisa; possibilitando a integração dessas pessoas “como participantes da investigação, rompendo com a ideia de incapacidades localizadas no sujeito” (CARNEIRO, 2007, p.51). Ademais, permite conhecer e entender as trajetórias escolares, sob o “olhar” e “voz” de a quem vive, nesse caso, sob o olhar e a voz da pessoa com deficiência mental.

Esta pesquisa contou com a participação de dois sujeitos: Carlos e Ramon, que embora com histórias de vida diferentes, compartilham de algumas situações semelhantes e, nesse sentido, atendiam aos critérios que foram estabelecidos para seleção dos sujeitos: jovens, com laudo de deficiência mental, estudantes da escola regular no município de Tucano, participantes do Centro de Atendimento Educacional Especializado e com disposição para participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. É importante salientar que não houve preocupação com representatividade numérica, pois a intenção foi dar visibilidade às experiências subjetivas dos sujeitos; ampliando, assim, o pequeno número de investigações sobre deficiência mental que assumem essa perspectiva.

O SUJEITO COM DEFICIÊNCIA MENTAL: IMAGENS DE SI

Como é a sua vida na escola? Foi a partir dessa questão que começamos o diálogo com Carlos e Ramon. As primeiras narrativas de Carlos, com um olhar bem reflexivo, se constituíram uma percepção de si enquanto estudante. Para construir e evidenciar narrativas sobre si, sobre sua identidade de estudante, Carlos retomou aspectos que vivenciou ao longo de sua escolarização

Eu perdi de ano duas vezes porque eu brincava muito. Eu vinha de carro... chega aqui eu não ia pra escola. Eu gosto de falar a verdade. Eu fui criança, eu gosto de falar a verdade. Lá na escola do Panzu é o seguinte: na hora que botava a atividade pra fazer, não fazia. Lá eu perdi uns três anos, cheguei aqui eu perdi dois...

Carlos se vê, nesse contexto, como um sujeito com comportamento inadequado, marcado pelo excesso de brincadeiras, de não assiduidade, de desinteresse em relação à realização das atividades e também de agressividade com os colegas. Essas são as percepções iniciais que ele constrói de si

É que na escola do Panzu é que é que eu brincava demais... lá; é que é que batia o aluno lá, no colégio, eu batia lá... (risos)! É que eu fui criança é que bati muito nos colegas (...) Eles batiam em mim. Eu não sei por que, eles não gostavam de mim (...) eu era danado lá na sala.

Essa relação de agressividade com os colegas era fruto, segundo Carlos, do comportamento que os outros colegas tinham com ele. Carlos tem uma percepção de que seus colegas não o aceitavam, não gostavam dele por causa da postura que ele assumia no contexto de sala de aula - de menino "danado" como ele mesmo diz. Ao relatar essas questões, Carlos se mostrava envergonhado, curvava o corpo e a cabeça; não direcionava o olhar, como num gesto de arrependimento, de auto-repreensão.

Sitientibus, Feira de Santana, n. 45, p.43-63, jul./dez. 2011

Em suas narrativas, Carlos apresentou outras imagens de si, imagens positivas

Hoje eu tô bem, na graça de Deus. Deus ajudou a mim muito. Eu gosto de falar a verdade, né (risos)? Não gostei, antes não gostei de estudar. Hoje tenho vontade de estudar um pouco, não é muito vontade. Tem coisa lá não é muito boa... Tem uns colega lá, tem muito danado lá na sala. A professora grita lá, eles não quer obedecer.

Nesse mesmo sentido, Ramon se percebe, enquanto estudante, de maneira positiva, ressaltando aspectos que correspondem às expectativas da escola: estudante assíduo, comportado e interessado

Eu faço os dever, eu faço os dever [...] dever de escrever, eu gosto de fazer as atividade, eu gosto de escrever. Eu vou pra escola no ônibus e na volta eu venho no carro do Virgílio [...] eu faço meus deveres, eu fico comportado direito, eu não apronto na escola, eu aprendo. (...) Ela é boa professora, eu não faço nada com ela, eu não apronto⁷ com ela, eu não apronto na escola da Jailma. (...) Eu gosto de estudar, gosto de ler. Eu gosto de estudar; eu gosto de participar; fazer os dever pra aprender.

Retomando as narrativas de Carlos é possível perceber uma mudança de mentalidade em relação aos estudos. Ele sinaliza que tem vontade de estudar, embora não seja muita. Já em relação ao seu comportamento, outras imagens aparecem

Eu sempre fui calmo, lá na sala eu só calmo. Porque eu sou calmo...? Fui transformado.

As imagens que Carlos vai construindo sobre si mostram processos de mudança que foram ocorrendo em sua vida. Carlos vai se apropriando de novas formas de significar e lidar com a realidade

Sitientibus, Feira de Santana, n. 45, p.43-63, jul./dez. 2011

Me converti; aceitei Jesus. Sempre eu tô calmo lá na sala, nunca briguei. Tenho um colega lá... chamou, chamou pra brigar; eu não; me deixe quieto. Brigar é criar problema; vai preso.

Carlos fala de si como um sujeito capaz de aprender, fala de suas evoluções na aprendizagem, no processo de apropriação da palavra, da incorporação de sujeito do discurso

Eu aprendi muita coisa, é que antes aqui eu não falava nada⁸.

Ramon também se constrói enquanto um sujeito aprendente

Eu aprendo. Eu aprendo a lição [...] eu aprendo a fazer meu nome.

Carlos não se vê como uma pessoa com deficiência mental, embora se reconheça diferente dos demais,

Ah tem notícias mais boas. Eu quero ser professor como você, ensinar uma pessoa que tem problema mental, vai ajudar a pessoa. Não igual o meu caso, não é que eu sou mental, né. O povo acha que eu sou mental, mas eu não sou, falar a verdade: um boi pegou eu, só; perdi a voz. (...) Eu fui criança, eu tinha quatro anos um boi pegou eu lá na roça, eu tava lá... no quintal lá, o boi pulou a cerca pegou eu lá, jogou no chão, fiquei igual um morto. Aí minha mãe pegou eu. Depois eu caminhei pra Salvador muito, muito tempo⁹. Eu agora parei, graça de Deus, Deus me ajudou, tinha dez anos que a gente caminhava pra Salvador...

Carlos não quer encaixar-se dentro do estereótipo e das representações negativas, visto que a deficiência mental se constitui, historicamente, como um discriminante de exclusão, uma diferenciação para excluir, para marginalizar o sujeito com deficiência mental (CIRILO, 2008). Nesse mesmo sentido, ele

Sitientibus, Feira de Santana, n. 45, p.43-63, jul./dez. 2011

rompe com as representações dos outros sobre si: “o povo acha que eu sou mental, mas eu não sou”. Ele atribui suas dificuldades escolares a um acidente, na infância.

Eu acredito que não sou muito igual a outra pessoa, mas eu não nasci com problema, o boi pegou eu, perdi a voz.

Carlos, na relação com o conhecimento, se vê como um estudante com potencialidades e dificuldades

É, escrever eu sou ruim... Aqui, aqui (aponta para cabeça) não lembra a letra, eu esqueço, (risos) é normal. Na leitura eu sou bom, primeiro foi Deus que ajudou; segundo foi a escola que ajudou a aprender. Escrever, eu sei um pouquinho, não é muito coisa (...) Mas eu sou sabido (risos), tem uma coisa que eu sou sabido: na leitura eu sou bom, é. Fazer conta eu sou ruim falar a verdade, fazer a conta de dividir eu sou ruim... (...) Falar uma coisa: de história... Sou bom; agora eu fiz a prova, quebrei, tô achando que tirei cinco, o valor da prova é cinco, fechar a prova, cinco, cinco pontos, tô achando que tirei, é.

Ramon também fala de suas dificuldades com o conteúdo escolar

Aprender a ler e a escrever; eu tenho dificuldade.

Além de evidenciar sua relação com o conhecimento disciplinar, Carlos fala de suas dificuldades com o processo de memorização como um elemento que dificultou seu aprendizado na escrita

Aqui não tem memória (aponta para cabeça), eu acho que é a memória porque muita coisa eu esqueço (risos). Mas eu sou sabido (risos), tem uma coisa que eu sou sabido: na leitura eu sou bom, é.

Nesses relatos, embora Carlos e Ramon reconheçam suas dificuldades no processo de escolarização, eles não constroem uma auto-imagem de incapacidade e inferioridade. Suas relações sociais têm permitido construir uma subjetividade marcada pelas possibilidades de se constituírem sujeitos aprendentes, de avançar em seu processo de escolarização, mesmo com as dificuldades e as sucessivas repetências. Isso leva a inferir que Carlos e Ramon significam suas experiências, recusando os conceitos e as imagens negativas difundidas socialmente em relação à pessoa com deficiência mental (Kassar, 2000).

Ao avançar nas narrativas, Carlos traça rabiscos de si como sujeito tímido, envergonhado

Eu tenho vergonha. Eu sempre fui de ter vergonha.

Carlos se narra como um milagre, ele atribui seus avanços, também, à intervenção divina

Quem ensinou eu ler a palavra de Deus acredito foi Deus, que ensinou, é. Acredito que um milagre aconteceu. Que tem vontade de aprender consegue coisas. Eu consegui. Quem ensinou? Deus. Eu contei na igreja um testemunho meu, falei. Um dia eu tava aqui em minha casa, peguei que não sabia de nada, é. Peguei a palavra de Deus, uma bíblia, comecei ler, cheguei no final. Meu pai disse: “Carlos você não sabia não, agora você tá sabendo”. Que te ensinou você? Tô querendo que foi Deus que me ensinou agora, não foi dois minutos. Meu pai disse “você tá sabido”. Eu acredito um milagre aconteceu na minha vida.

É desse tempo que ele quer falar: desse momento em que se vê como sujeito autônomo, como sujeito do discurso, que fala que estuda, que trabalha, que namora, que prega a palavra de Deus. Nas narrativas aparece, ainda, a existência de um Carlos vivo, desejante, forte, esperançoso, que ameaça e se impõe frente aos prognósticos negativos, um Carlos que desafia o discurso preconceituoso, a ideologia médica e as pragas sociais

Sitientibus, Feira de Santana, n. 45, p.43-63, jul./dez. 2011

Olhe, quando alguém joga uma praga em mim, não pegou. Pessoa, como um médico lá em Salvador, ele disse que eu precisava tomar uns remédios; agora tem uma coisa, você não vai um ano, você vai ficar doido de pedra, certo? Não aconteceu. Com medo eu não tô de ficar doido; isso nunca vai acontecer. Com a graça de Deus estou aqui falando direitinho, antes não falava nada. Passou um ano, passou dois, passou três e não aconteceu. Cada dia minha fala sai mais. Eu não acreditava em nada. Deus me deu o desejo e a esperança de acreditar. Hoje eu tou vivo, tenho esperança. Meu irmão me disse que eu nunca ia conseguir pregar a palavra de Deus, Ele disse: “você não vai conseguir pregar a palavra de Deus”. Aquele que confia no Senhor tudo fará. Eu consegui.

Contrariando todos os processos de exclusão por quais passam as pessoas com deficiência mental, é possível dizer, assim como Kassir (2000), que Carlos e Ramon vivem e participam, autorizados ou não, de muitas práticas sociais. Também, assim, “vão se constituindo sujeitos nas e pelas relações sociais, aprendendo de si mesmos e do mundo em torno deles, desestabilizando, dessa forma, a tese de que não aprendem” (CARVALHO, 2004, p.142).

Carlos e Ramon apresentam em suas narrativas “condições de elaboração que suscitam a constante necessidade de redefinição de seus limites e põem em questão o diagnóstico que os qualificou” (CARVALHO, 2004, p.144). Nas relações retratadas por eles, vêem emergir sujeitos que aprendem e que constroem sentidos porque se relacionam constitutivamente com os modos sociais de significação de seu mundo; e que, porque se relacionam: sentem, explicam, vivem, e porque sentem: relacionam, explicam, podem indagar, construindo novas possibilidades de ser e estar no mundo.

Carlos convive com o conflito entre o que pensa de si, o que os outros pensam dele, suas dificuldades e potencialidades

Aqui é sabido, aqui. Você pensa que sou fraco, não tenho leitura, sou! Mas pra ler a palavra de Deus eu sou bom; eu jogo duro, jogo duro...

Ele explicita em suas narrativas seu receio em ser estigmatizado pelos colegas como criança e “burro”:

Oi êta! Tenho vergonha de falar você é burrinho, você não sabe nada, você é criancinha.

Além do receio, essa fala se configura também como um apelo que compõe o querer ser interpretado, significado, respeitado como pessoa, como jovem, adulto, como sujeito que aprende (CARVALHO, 2004, p.149). Dessa maneira, como aborda Kassar (2000, p.49), as imagens de Carlos “sobre si mesmo parece ser uma luta entre ser ou não ser diferente” ao enunciar sobre suas dificuldades e possibilidades, quando as palavras dos outros vão ganhando expressividade em sua própria fala num processo de incorporação, recusa ou modificação do discurso do outro.

Ao se apropriarem da linguagem, constituindo-se sujeitos, Carlos e Ramon, vão, portanto, se reconhecendo, cada um ao seu modo, como pessoas capazes, vão buscando possibilidades, reconstruindo sonhos, rompendo com os prognósticos negativos e realizando “outras profecias... – as profecias das possibilidades” (PADILHA, 2005, p. 64).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM CORTE EPISTEMOLÓGICO – O FIM, O RECOMEÇO...

Este trabalho buscou ir além da deficiência mental, sem, contudo, esquecê-la. Afinal, Carlos e Ramon não são consequência de suas faltas, seus defeitos orgânicos e sua deficiência, pois nenhum deficiente é apenas isso. São sujeitos sociais, históricos e culturais, e por isso, foi necessário olhar para a singularidade de cada um deles; singularidades resultantes das suas histórias de vida, histórias das relações sociais que os constituíram e constituem (PADILHA, 2005). Desse modo, foi o

Sitientibus, Feira de Santana, n. 45, p.43-63, jul./dez. 2011

“quem”, o sujeito e não apenas a sua deficiência que procuramos dar visibilidade nesse trabalho.

Carlos e Ramon construíram narrativas que deram sentidos aos fatos, às suas relações concretas com a sua vida, às suas experiências enquanto sujeitos que superam as limitações e indagam os olhares e discursos preconceituosos que vigoram nos contextos sociais. Sem dúvida, é nessa luta para constituir-se de “outro modo” que eles encontram, também nas relações sociais, possibilidades de se desenvolver. Assim, “essas histórias ao mostrar os movimentos de ruptura e a construção de outras possibilidades, mostram também o avesso da deficiência mental (CARNEIRO, 2007, p. 2007).

As narrativas de Carlos e Ramon caminham no sentido de romper com a idéia “cristalizada” do deficiente mental como incapaz, e mais além, caminham num sentido que possibilita indagar as representações sociais e a construção da identidade da pessoa com deficiência mental como “incapaz, anormal, excluído” (CARVALHO, 2004, p.141). Nessa perspectiva, as significações de Carlos e Ramon, permitem entender que esses sujeitos se constroem, sobretudo, na contramão das imposições sociais, num processo de recusa aos discursos equivocados e ilegítimos que foram construídos e difundidos historicamente.

Nesse sentido, Carlos e Ramon mostraram em suas histórias caminhos para vencer as barreiras de sua deficiência, expandir possibilidades, diminuir limites, encontrar saídas para estar no mundo. Carlos e Ramon reiteram, em suas histórias, a seguinte ideia: há transformações no sujeito, em sua subjetividade, em suas formas de conceber e conviver com a deficiência mental. Sendo assim, quanto mais eles se distanciam dos estereótipos “do ser deficiente mental”, mais possibilidades constroem na escola e na sociedade.

Podemos dizer, portanto, que as narrativas aqui compartilhadas são histórias que merecem ser contadas, refletidas; histórias que ainda podem desvelar muitas questões, responder muitas perguntas não respondidas e nem ainda feitas. São histórias que abrem caminhos para novas pesquisas, para a elaboração de novas perguntas investigativas, para estudos que pretendem ir além da deficiência mental, para “ver”, “ouvir” e

“sentir” o sujeito. É nesse sentido que a conclusão, o fim, pode ser um recomeço.

GOING BEYOND THE MENTAL DISABILITY: THE SUBJECT AND THE IMAGES ABOUT (HIM)HERSELF

ABSTRACT — *This investigation is an analysis on the meanings created by mentally handicapped students: about themselves and their experiences at school. The intention was to give visibility to those students, as articulate subjects; to identify the images that they construct about themselves and to understand aspects that interfere their education. The reflections were based on the epistemological approach that sees human beings in their socio-historic and cultural aspects. This research is based upon elements of qualitative investigation, using narratives of everyday life as a methodological option and the narrative interview as a data collection instrument. The narrative interviews were carried out with two slow youngsters, who study at municipal schools in Tucano city, BA. The images constructed by them reveal subjects who seek to overcome their limitations, who question and refuse the discriminatory representations and discourses. They are really subjects who seek to constitute themselves as human beings, despite social impositions against their mental illness.*

KEY WORDS: *Mentally handicapped students. Narratives. Self-images.*

NOTAS

- ¹ Recorte da pesquisa realizada na especialização em Educação Especial/UEFS: “Para além da deficiência mental: o sujeito, as imagens de si e os fios narrativos sobre a escolarização”, desenvolvida sob a orientação da professora Susana Couto Pimentel.
- ² Embora saiba que atualmente há uma tendência mundial, e também brasileira, em usar a expressão deficiência intelectual, optei pelo uso da expressão deficiência mental, por ser um termo mais utilizado na literatura da educação especial brasileira.
- ³ Posteriormente justifico a escolha das narrativas de vida como estratégia metodológica, sua aderência e contribuições para a pesquisa.
- ⁴ Todos os nomes utilizados neste trabalho são fictícios a fim de preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa.

Sitientibus, Feira de Santana, n. 45, p.43-63, jul./dez. 2011

- ⁵ Acrescentei esta ideia ao pensamento da autora, pois acredito que a subjetividade da pessoa com deficiência mental se constitui também a partir do discurso do outro sobre ele.
- ⁶ Neste estudo, foram priorizadas as narrativas das vivências no contexto escolar.
- ⁷ Aprontar no sentido de bagunçar, comportar-se de maneira inadequada.
- ⁸ Carlos falou-me informalmente que até os 14 anos ele não conversava com ninguém, e que, portanto, apenas há dois anos ele faz uso da fala, da palavra, do discurso.
- ⁹ Refere-se às viagens a Salvador- BA para tratamento médico.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Tatiana Platzer do Amaral. **O processo de escolarização e a produção de subjetividade na condição de aluno com deficiência mental leve**. Brasília: UNESCO, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. São Paulo: Paulus, 2010.

CAMARGO, Evani Andreatta Amaral. **Concepções de deficiência mental por pais e profissionais e a constituição da subjetividade da pessoa deficiente**. Campinas, SP, s.n, 2000. Tese doutorado.

CARNEIRO, Maria Silva Cardoso. **Deficiência mental como produção social: uma discussão a partir de histórias de vida de adultos com síndrome de Down**. Tese de doutorado. Porto Alegre, 2007.

CARVALHO, Maria de Fátima. **A relação do sujeito com o conhecimento: condições de possibilidades no enfrentamento da deficiência mental**. Campinas, SP, s.n, 2004. Tese doutorado.

CIRILO, Marisa Assunção. **Deficiência mental e discurso pedagógico contemporâneo**. São Paulo, s.n, 2008. Dissertação de mestrado.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões do método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

Sitientibus, Feira de Santana, n. 45, p.43-63, jul./dez. 2011

GLAT, R. **Somos iguais a vocês**: depoimentos de mulheres com deficiência mental. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1989.

GLAT, Rosana. et al. O método de história de vida na pesquisa em educação especial. **Revista Bras. Marília**, maio/agosto, 2004, v.10, n. 2, p.235-250.

GLAT, Rosana. **Somos iguais a você**: depoimentos de mulheres com deficiência mental. ed. 2. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Marcas da história social no discurso de um sujeito: Uma contribuição para a discussão a respeito da constituição social da pessoa com deficiência. **Caderno Cedes**, ano XX, nº 50, abril/2000.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2004.

NUNES, F.; GLAT, R. **O que revelam as teses e dissertações sobre a autopercepção do portador de necessidades especiais?** Trabalho submetido à publicação na 31.^a Reunião Anual da Sociedade Brasileira em Psicologia, Rio de Janeiro, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do discurso. In: Suzy Lalazzi Rodrigues e Eni P. Orlandi (Orgs). **Introdução às ciências da linguagem - Discurso e textualidade/** Pontes Editotrd, Campinas: São Paulo, 2006.

PADILHA, Anna Maria Lunardi. **Práticas pedagógicas na educação especial**: a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental. Campinas: Autores Associados, 2005.

ROSSETO, Elisabeth; BRABO, Gabriela. A constituição e a subjetividade a partir de Vygotsky: algumas reflexões. **Revista Travessias**, s.d.

SILVA, Vera Regina Martins e. **Um lugar de visibilidade do sujeito deficiente mental**. Campinas, SP, s.n., 2000. Dissertação mestrado.

SMOLKA, A.L.B.O. O (im)próprio e o im(pertinente) na apropriação na apropriação das práticas sociais. **Caderno Cedes**, ano XX, nº 50, abr/2000.

VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em: 15/10/2011

Aprovado em: 21/11/2011

Sitientibus, Feira de Santana, n. 45, p.43-63, jul./dez. 2011

